

Matrimônio: “Amor e responsabilidade” frente aos desafios atuais da sociedade cristã

*Matrimony: “Love and Responsibility”
and the Current Challenges in Christian Society*

JAIR LUIS REIS*
MIGUEL ELIAS**

Resumo: Diante da sociedade contemporânea, onde as nefastas ilusões do provisorio, do individualismo e do relativismo imperam, buscamos apresentar a importância do amor responsável, a unidade e a indissolubilidade no sacramento do matrimônio, por meio do qual os cônjuges são chamados a colaborar com a obra da criação de Deus e anular a ideia da coisificação do ser humano e da cultura de morte em nosso meio, muito vista atualmente. Este vínculo sacramental deve ser acompanhado pela Igreja, gerando no casal o desejo de viver como igreja doméstica, a fim de que os filhos sejam educados e vistos como dons preciosos.

Palavras-chave: Sociedade contemporânea. Amor. Família. Matrimônio. Indissolubilidade.

Abstract: In contemporary Society, where the nefarious illusions of transience, individualism and relativism prevail, we intent to present the importance of responsible love, the unity and indissolubility in the sacrament of matrimony, by which the spouses are called to collaborate in the creation of God and to suppress in our midst the widespread objectification of human beings and culture of death. Such sacramental bond shall be supported by the Church, rising the couple's wish to live as a domestic church, so that the children be educated and seen as precious gifts.

Keywords: Contemporary society. Love. Family. Matrimony. Indissolubility.

* Jair Luis Reis é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: prof. jair@yahoo.com.br

* Miguel Elias é especialista em Filosofia Geral e graduado em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: miguelias@hotmail.com

Introdução

A atual sociedade, marcada pela busca incessante da felicidade, enfrenta desafios imensos com realidades imediatistas, nas quais o provisório pode levar à destruição. Existe uma promoção do individualismo, do relativismo, da traição, do relacionamento sem compromisso e até do tédio pelo casamento.

Em primeiro lugar, faremos uma análise desta sociedade revelada pelo Papa João Paulo II, em sua obra *Amor e Responsabilidade*, como relativista e promotora de culturas obscuras. O Santo a identifica como utilitária, hedonista, promissora da coisificação do ser humano, onde uma cultura apocalíptica é proclamada e vivida nas mais diversas realidades e onde a felicidade se torna sinônimo do momentâneo. Afastada cada vez mais da perspectiva cristã, favorece a perda de significados espirituais que sempre deram sentido à nossa humanidade e respostas aos nossos questionamentos existenciais.

A sociedade está, segundo o sociólogo francês Gilles Lipovetsky, em busca das ilusões e do consumismo desenfreado, alcançando com rapidez a perspectiva egoísta e ilusória do viver. Gilles conceitua a sociedade como “hipermoderna”, pois tal prefixo “hiper” quer revelar a exacerbação de valores presentes nesta sociedade utilitarista, na qual o homem é ilusoriamente chamado a ser feliz momentaneamente.

Em segundo lugar, remontamos a ideia de amor, pois agora não basta mais perceber somente o “outro” no amor, mas entender o verdadeiro sentido deste amor no Amor, que é Deus. Na vivência cristã, o “outro” deve fazer parte de minha realidade existencial. É, portanto, o Amor de Deus que dá verdadeiro sentido a todos os tipos de amor, a saber: *philia* e *eros*; estes dois encontram sentido no amor divino, que é o *ágape*. É nesta dinâmica de entendimento do amor que realmente seremos capazes de não cair no utilitarismo e, verdadeiramente, exaltar a dignidade da pessoa.

Propomo-nos, também, evidenciar o sacramento do matrimônio e suas riquezas espirituais revelando aos cônjuges que a luta cotidiana contará sempre com a graça sacramental, diante de um mundo defasado de amor e, às vezes, descompromissado em entender o que seja amor na aliança sacramental.

Por fim, evidenciaremos a preocupação da Igreja em buscar ajudar os cônjuges através de ações pastorais, a descobrirem cada vez mais a espiritualidade dentro do sacramento do matrimônio assumido pelo casal de modo livre. Refletindo sobre o matrimônio como abertura para a fecundidade, mostramos como é importante receber de bom grado um dos dons de Deus, que são os

filhos. Proclamando a boa nova aos seus, os cônjuges construirão uma comunidade de amor e fé, verdadeira 'Igreja Doméstica', em meio às tribulações da vida ou outras provações existentes na vida conjugal.

1 A sociedade hipermoderna e a alteridade

1.1 Sociedade hipermoderna

A partir da última quadra do século passado, constatamos que a instituição familiar está doente, deixando de ser de alguma maneira o “refúgio” dos indivíduos de uma sociedade de competição para buscar o benefício do abrigo que tende a renunciar a qualquer pretensão social para ser local de intimidade e de ternura. Esta família, idealizada romanticamente como oásis diante de uma sociedade demonizada e hostil, não é sólida, porque exposta a toda forma de subjetivismo.

Por outro lado, por não considerarem a família um bem social, os poderes públicos não a protegem mais e consideram que deve prevalecer a liberdade das pessoas que decidem casar-se, unir-se em formas alternativas ou separar-se. Sob a pressão de leis iníquas, cria-se uma nova mentalidade divorcista, alienada dos interesses da família.

Ora, no que tange às inúmeras realidades de nossa sociedade, bem vemos as dilacerantes insatisfações do homem perante a ética e a moral; em contrapartida, a busca desenfreada de satisfações momentâneas provocadas pelo mau uso da liberdade. Devido a essas práticas, se vive em um mundo do *hiper*: hipercorpo, hiperconsumo, hiperdesejo etc. Ou seja, em uma sociedade marcada pelo “quase nada”, pelo consumo desenfreado, pelo suicídio, pela depressão, pelo egocentrismo, pelo sexo, por mudanças no corpo, pelo homossexualismo e por uma mídia frívola, “Chegamos ao ponto em que a comercialização dos modos de vida não encontra mais resistências estruturais, culturais ou ideológicas, e onde as esferas da vida social e individual são reorganizadas em função da lógica do consumo” (DANTAS, 2004, p. 84).

O homem se vê como o único e exclusivo protagonista de tudo, ele sabe de suas próprias ações e discerne sobre o seu futuro. Esse pensamento egocêntrico é o que torna a sociedade hipermoderna, onde o prefixo *hiper* relata a calamidade em que se vive hoje.

A hipermodernidade é vista e conceituada pelos valores invertidos, pelas buscas momentâneas, pela desvalorização do sagrado etc. em que a troca de

valores é o imperativo da vida social. Eis um marco da sociedade hipermoderna: “O casamento é uma instituição que ainda se mantém, mas é cada vez mais facultativa” (GANITO e MAURÍCIO, 2010, p. 160).

O matrimônio, quando acontece, é concebido como um simples contrato, sem nenhum valor público, entre indivíduos autônomos que são os responsáveis pela duração e pelas modalidades dele. A estabilidade do matrimônio se torna, para eles, algo de variável e sempre passível de revisão, uma vez que não resiste à alteração inevitável das vontades e às transformações.

O que nos parece claro, sem sombra de dúvidas, é que a ideia de um “juntar-se” ganha muito mais força no mundo atual do que a aliança eterna. A bênção dos céus fica para nossos antepassados, pois o homem do “*hiper*” quer tão somente o prazer, e a dinâmica do “até que a morte nos separe” torna-se ultrapassada para os dias atuais. O importante para tal contexto é o *carpe diem*¹. “As pessoas vivem juntas, mas não se casam” (GANITO e MAURÍCIO, 2010, p. 161) e ainda: “parece-me que o casal é algo que se encara como sendo cada vez menos eterno e estável” (Ibidem, p. 160).

Em consequência, o homem se torna dependente do imediatismo, e o relativismo e a subjetividade traçam a estrada da era do vazio, dilacerando-o aos poucos, tornando-o dependente da solidão e de suas míseras consequências que são a depressão, a angústia e a falta de perspectiva. O homem hipermoderno, que parecia ter tudo e todos, entra na dinâmica do solitário, percebendo que os “valores” do “*hiper*” já não lhe trazem mais felicidade alguma.

1.2 Uma sociedade distante da perspectiva cristã

São João Paulo II, em teor teológico, se preocupou fundamentalmente com esta sociedade, marcada por uma errônea concepção de liberdade. Uma liberdade egocêntrica², que permite fazer aquilo que se deseja e que gera o individualismo extremo e a repulsa ao outro, ou seja, um hiperindividualismo.

¹ *Carpe Diem* é viver o hoje sem preocupações com o amanhã. É desfrutar a vida e os prazeres do momento em que se vive. Esta expressão tem o objetivo de lembrar que a vida é breve e efêmera e por isso cada instante deve ser aproveitado. Este tema no âmbito da literatura teve grande importância no Renascimento. O significado de *Carpe Diem* é um convite para que se aproveite o tempo presente, usufruindo os momentos intensamente sem pensar muito no que o futuro reserva (Disponível em: <http://www.significados.com.br/carpe-diem> Acesso em: 26 mar. 2014).

² Egoísta é aquele que se abre ao outro para ter, para conquistar, como se o outro fosse um objeto. Egoísmo é colocar-se como centro de tudo (PIVA, 1983, p. 6).

O Santo Papa sublinha e mostra que a liberdade não pode ser reduzida a um extremismo não serviçal, “[...] quando, pelo contrário, a liberdade é absolutizada em chave individualista, fica esvaziada do seu conteúdo originário e contestada na sua própria vocação e dignidade” (EV, n. 19). A sociedade caracterizada como hipermoderna é marcada pela ausência clarificada de um anseio pelo outro. O que importa para tal sociedade hedonista e individualista é a essência de um prazer momentâneo.

Se a promoção do próprio “eu” é vista em termos de autonomia absoluta, inevitavelmente chega-se à negação do outro, visto como um inimigo de quem defender-se. Deste modo, a sociedade torna-se um conjunto de indivíduos, colocados uns ao lado dos outros, mas sem laços recíprocos: cada um quer afirmar-se independentemente do outro, mais, quer fazer prevalecer os seus interesses (EV, n. 20).

Eis, portanto, uma sociedade dilacerada e marcada pela pertença do indivíduo ao material, distante das raízes religiosas, que se entrega a uma deplorável “sentença de morte”. Esta sociedade consumista e materialista norteia todos aos prazeres do ter e, assim, conduz a uma busca transitória e incoerente da verdade e da responsabilidade. Ou seja:

O único fim que conta, é a busca do próprio bem-estar material. A chamada “qualidade de vida” é interpretada prevalente ou exclusivamente como eficiência econômica, consumismo desenfreado, beleza e prazer da vida física, esquecendo as dimensões mais profundas da existência, como são as interpessoais, espirituais e religiosas (EV, n. 23).

Ainda que se tivesse em mente todos os possíveis conceitos sobre a vida do homem e sua vivência no mundo atual³, nada serviria se não se alcançasse a realidade do homem e seu coração. Assim, o que o mundo atual parece nos deixar evidente é o fato de que o homem não mais se diferencia de um objeto.

Do mesmo modo, não basta só analisar a sociedade, mas também o homem que se anula frente a uma cultura invasiva. Cultura esta, também

³ Assim, o mundo moderno se apresenta ao mesmo tempo poderoso e débil, capaz de realizar o ótimo e o péssimo, por quanto se lhe abre o caminho da liberdade ou da escravidão, do progresso ou do regresso, da fraternidade ou do ódio. Além disso, o homem se torna consciente de que dele depende dirigir retamente as forças por ele despertadas e que podem oprimi-lo ou lhe servir (GS, n. 9).

chamada por São João Paulo II de cultura de morte⁴. Ainda que a sociedade do *hiper* a conceitue de modo diverso, o Santo Padre assim a clarifica:

[...] em certo sentido, é posta em questão também a “consciência moral” *da sociedade*: esta é, de algum modo, responsável, não só porque tolera ou favorece comportamentos contrários à vida, mas também porque alimenta a “cultura da morte”, chegando a criar e consolidar verdadeiras e próprias “estruturas de pecado” contra a vida (EV, n. 24).

Quanto ao envolvimento do homem nesta cultura de morte, diz nosso Papa: “Na realidade, vivendo ‘como se Deus não existisse’, o homem perde o sentido não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério do seu próprio ser” (EV, n. 22). Tal expressão revela o quanto o homem perdeu o sentido último de sua existência e transforma o mistério de Deus em um acaso. Um mundo sem Deus constrói-se mais tarde ou mais cedo contra o homem.

Por isso, João Paulo II conclui afirmando que a sociedade contemporânea é utilitarista, hedonista e individualista. E ainda reitera que os anseios humanos não mais se destinam ao ser, mas sim ao ter. O homem não mais consegue responder seus anseios e suas perguntas existenciais, pois o que está valendo é desejo insano do ter. Enfim, eis uma sociedade deturpada e enfraquecida de valores cristãos, isto é, “[...] homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça” (Rm 1,18).

1.3 A experiência do outro no amor

Se a tentativa acima foi demonstrar e alertar sobre as inversões de valores presentes na sociedade atual sob um viés sócio teológico, agora consideraremos o homem, ser imerso nesta sociedade, e sua relação com seu próximo no dinamismo ontoteológico. O homem em toda a sua essência foi chamado para viver em uma realidade social, comunicativa, ou seja, ter a experiência de outrem, sem isolacionismo.

O homem é ontologicamente comunicativo. Como seres humanos, somos todos comunicativos. No momento em que alguém deixa de ser comunicativo, ou

⁴ “[...] como afirma de maneira lapidar o Concílio Vaticano II: ‘Sem o Criador, a criatura não subsiste. (...) Antes, se se esquece Deus, a própria criatura se obscurece’” (EV, n. 22).

não se comunica mais, ele cai no isolacionismo e se deteriora como homem, mutila-se como pessoa, praticamente se destrói. Somos comunicativos porque somos seres sociais. Nós fomos feitos à imagem de Deus, que é trino, que é três – portanto uma comunidade. E fomos feitos para viver em comunidade. Tudo em nossa estrutura criatural apela para o outro, para a comunidade. A nossa fisionomia já é a nossa apresentação, nós nos apresentamos. E o nosso olhar é voltado para o outro, a nossa fala se dirige ao outro. A própria amizade, que é talvez o sentimento mais dignificante do ser humano, dirige-se necessariamente ao outro, a outros. Da mesma forma que o amor. O amor que não vai além de si mesmo, a amizade que não sai de si, tornam-se egoísmo, constituem uma egolatria. Todos nós sabemos disso por experiência, averiguável em uma análise não muito profunda, mas de qualquer forma consentânea, de acordo com o nosso pensamento e a nossa experiência. Por isso, pode-se dizer: quanto mais uma pessoa se comunica, tanto mais ela se realiza, tanto mais se humaniza e tanto mais também se sente satisfeita (SCHEID, 2002, p. 144).

Ao olhar para Sagrada Escritura, particularmente em Gn 2,18⁵, vemos a importância do outro para que não haja solidão. Deus, por este gesto, nos indica a beleza do outro e a repulsa ao individualismo. São João Paulo II, em diversos escritos, salienta a unidade e o amor pelo próximo, que gerará uma mudança radical na sociedade através do testemunho do homem na história. Deste modo, ele abomina o individualismo e aborda a relação do amor e da comunhão.

Karol Wojtyła rejeita o individualismo, porque enclausura o ser humano em si mesmo, e o coletivismo (totalitarismo), que dilui o homem na coletividade, porque o torna impessoalizante. A pessoa humana não pode ficar perdida em sua liberdade, nem reduzida a um indivíduo coletivo. A pessoa é preservada na participação, porque essa evita a alienação. A criatura humana possui, intrínseca à sua natureza, a vocação de conviver com os outros no amor. O amor é entendido como o exercício que possibilita ao ser humano a plenificação da autopossessão, da auto-realização e do convívio humano, de fato, com o seu semelhante. (ARAUJO, 2011, p. 17).

Existe a tentação, na atual sociedade, de negar direitos e deveres que levam a uma concepção vagamente romântica, que vê o matrimônio como

⁵ “Iahweh Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda’”. (Gn 2,18).

uma *espécie de oásis*, curiosamente em contraste com quem vê na família o sepultamento do amor e um intolerável jugo social que sufoca a liberdade. São considerações muito complexas. A concepção da família como “oásis” apresenta o aspecto positivo de reconhecer no matrimônio um espaço de realizações e de felicidade; a família como oásis, rodeada pelo “deserto” social, como uma ilha no meio do mar turbulento, ou de uma sociedade entorpecida pela ausência de valores, esconde o afastamento de uma sociedade estigmatizada e rechaçada.

Todavia, amar é perceber a dignidade do outro e fazer experiência deste alguém em uma dimensão livre e serviçal, para que ele lhe complete. É anulada aqui toda a ideia egocêntrica e isolacionista; aqui, o que impera é a doação gratuita ao próximo. “Amar é, pois, essencialmente dar-se aos outros. Longe de ser uma inclinação instintiva, o amor é uma decisão consciente da vontade de ir para os outros”, afirma São João Paulo (EV, n. 5). E ainda: “para poder amar em verdade, é preciso desapegar-se de muitas coisas e sobretudo de si, dar gratuitamente, amar até ao fim, é o segredo da felicidade” (Ibidem, n. 5).

Portanto, o homem tem necessidade do outro, e com ele deseja fazer experiência. Devemos considerar este indivíduo, nosso semelhante, como a nós mesmos (cf. Mc 12, 30-31). Na percepção simples de que o outro para mim é dom e este dom é ofertado por Deus, encontramos singular beleza, mesmo que não percebamos reciprocidade por parte de outrem. Fazemos nossa entrega ao outro sem esperar algo em troca, pois, ao olhar para ele descobrimos também o nosso eu.

[...] a relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto dele. Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que eu sou sujeição a outrem; e sou ‘sujeito’ essencialmente nesse sentido. Sou eu que suporto tudo. [...] O eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros (LEVINAS, 2007, p. 90).

Inquestionavelmente, somos chamados a uma grande responsabilidade, a saber: renúncia, despojamento e doação pelo próximo. Ao se encarnar, fazendo-se homem igual a nós em tudo, exceto no pecado, o Senhor nos oferta a beleza única de uma vida de acolhimento, de respeito incondicional e de reciprocidade. “[...] ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos”. (1Jo 3,16).

Enfim, fazemos a experiência do outro porque somos seres comunitários, comunicativos e chamados a uma comunhão; nela, tornamo-nos mais completos à medida que nos ofertamos e desgastamo-nos pelo próximo. Em suma, “o Espírito, que é artífice de comunhão no amor, cria entre os homens uma nova fraternidade e solidariedade, verdadeiro reflexo do mistério de recíproca doação e acolhimento [...]” (EV, n. 76).

2 Amor e responsabilidade

A beleza do amor na vida do homem caracteriza e realça o amor divino como luz para o vínculo matrimonial. “Deus é Amor” (1Jo 4,8) e, por isso, somos chamados a viver livremente neste Amor⁶. Portanto, se entendermos o amor de Deus como incentivo e como coordenada para vivenciarmos o amor entre os seres humanos, chegaremos ao criterioso amor responsável que provoca no ser humano o desejo consciente de unir-se em matrimônio e buscar com afinco a unidade e a indissolubilidade de sua união.

2.1 Amor “*Eros*” e “*Philia*”: razão fundamental para a vivência humana quando entendida à luz do amor *Ágape*

De início, para esclarecer a união dos significados do amor, tomamos três nomes gregos para alcançar tal objetivo: *eros*, *ágape* e *philia*. Nesta dinâmica vemos que o amor *eros*⁷ é aquele em que o homem e a mulher se reconhecem como realidade também corpórea, material; onde tal encontro deve sempre levá-los a um comprometimento não apenas sexual, mas de complemento com a realidade espiritual. Não basta refletirmos sob um contexto apenas carnal, mas devemos perceber que existe a realidade da alma e, a partir disso, que corpo e alma não podem se contrapor. O verdadeiro significado do amor *eros* é entendido à luz de uma unidade; tal unificação está intimamente relacionada com a perspectiva do espírito:

⁶ “Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1Jo 4,10), agora o amor já não é apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”. (DC, n. 1).

⁷ “Diga-se, desde já, que o Antigo Testamento grego usa só duas vezes a palavra *eros*, enquanto o Novo Testamento nunca a usa: das três palavras gregas relacionadas com o amor – *eros*, *philia* (amor de amizade) e *ágape* – os escritos neotestamentários privilegiam a última [...]” (DC, n. 3).

O ser humano torna-se, realmente, ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue essa unificação. Se o ser humano aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade (DC, n. 5).

E ainda:

É importante que ele, precisamente no seu "coração", não se sinta só irrevogavelmente acusado e entregue como presa à concupiscência da carne, mas que no mesmo coração se sinta chamado com energia. Chamado precisamente àquele supremo valor que é o amor. Chamado como pessoa na verdade da sua humanidade, portanto também na verdade da sua masculinidade e feminilidade, na verdade do seu corpo. Chamado naquela verdade que é patrimônio "do princípio", patrimônio do seu coração, mais profundo que a pecaminosidade herdada, mais profundo que a tríplice concupiscência. As palavras de Cristo, enquadradas na inteira realidade da criação e da redenção, reatualizam aquela herança mais profunda e dão-lhe real força na vida do homem (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6).

Diante de tais contextualizações referenciais vemos a preocupação de não definir o amor *eros* sob a ótica de qualquer conceito erotizado, mundano, mas sim daquele que conduz o homem a seu verdadeiro significado. Neste sentido não afastamos o amor *eros* do *ágape*, como expressão do amor fundado sobre a fé e por ela plasmado, porque, caso contrário, cairemos em um simples apetite sexual e na desintegração da promoção relacional entre o homem e a mulher. Esta forma errônea e pejorativa em desunir o amor *eros* e *philia* do amor *ágape* nos leva à não compreensão do desejo de Deus onde Ele anseia pela integração imprescindível do ato sexual (corpo) do homem e da mulher de forma pura e não desenfreada.

Na realidade, *eros* e *ágape* nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontram a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, fascinado pela felicidade, depois à medida que se aproxima do outro, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará 'existir para' o outro. Certamente, o homem pode – como nos diz o Senhor – tornar-se uma fonte de onde correm rios de água viva (cf. Jo 7,37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente

da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19,34).

Assumindo a dimensão corpóreo-espiritual, é importante refletir sobre a realidade do amor *eros* e auxiliá-lo, através da realidade cristã, em seu verdadeiro sentido conceitual. Tal conceito nos fará entender a beleza do amor *eros* e nos fará deleitar em uma relação de amizade e compreensão, isto é, o amor *philia*⁸. Assim:

O *eros* sem *ágape* é um amor romântico, mas comumente passional, até violento. Um amor de conquista, que reduz fatalmente o outro a objeto do próprio prazer e ignora toda dimensão de sacrifício, de fidelidade e de doação de si. Não é preciso insistir na descrição desse amor, porque se trata de uma realidade que temos todo dia diante dos nossos olhos, propagandeada com estrondo pelos romances, filmes, novelas, internet, revistas. É o que a linguagem comum entende, hoje, com a palavra “amor” (CANTALAMESSA, 2011, p. 10).

Deus, por amor incondicional (*ágape*), se encarnou, se fez Homem e por nós foi morto e é através desta realidade amorosa e histórica que conseguimos entender que o amor *eros* e *philia* tem um novo sentido que deixa de lado o erotismo e a simples amizade, pois agora temos, inspirados pelo amor divino, a união digna de dois corpos auxiliados por uma compreensiva amizade, entre um homem e uma mulher.

Em definitivo, o homem em seu unitário conjunto deseja e anseia pelo amor que é refletido e doado através da unidade. Sendo assim, nesta unidade clara de corpo e alma há uma indissolubilidade onde o corpo ganha sentido vivificador por causa da alma e alma tem seu sentido também no corpo. “Deste laço fundamental entre Deus e o homem se deriva outro: o laço indissolúvel entre espírito e corpo: o homem é, de fato, alma que se expressa no corpo e corpo que é vivificado por um espírito imortal” (BENTO XVI, 2014, p. 3).

Em suma, a beleza está em reafirmar que o amor *eros* e *philia* deve ser iluminado pelo amor divino. Somos chamados, com responsabilidade, a não olhar para o outro como objeto de “uso”, mas a crer, sem dúvida, que tal união

⁸ “[...] segundo Aristóteles, a ‘*philia*’ pode existir de três formas: a que valoriza a utilidade que o ‘amigo’ representa; a que busca no amigo o apazível e, o que ele considera como a amizade em seu grau mais perfeito, a busca do homem pelo ‘semelhante em virtude’. Nos dois primeiros casos, a amizade é buscada como um meio, um subterfúgio para alcançar determinados estados de saciedade ou prazer” (QUADROS, 2011, p. 168).

deve estabelecer a dinâmica do verdadeiro amor responsável. Esta dinâmica de integração do amor *eros*, *philia* à luz do amor *ágape* nos faz compreender a forma completa do amor e não a redução da mesma.

2.2 A máxima do amor: uma contraposição da coisificação do ser humano

A primeira noção que deve situar-nos para melhor compreendermos a máxima do amor em contraposição à coisificação do ser humano é a revelação da dignidade da pessoa. Somos diferenciados por sermos alguém e isto nos difere de qualquer desvalor conceitual como: algo ou coisa. Conscientemente se vê que o homem é alguém por ser criado à imagem e semelhança do Criador.

Dentro desta realidade, nos é impressa a existência de um corpo e de uma alma, onde se conclui que somos alguém. Isso, portanto, nos difere das coisas, do ser objeto. O homem, no entanto, é dotado de inteligência e de razão que lhe permitem refletir e reconhecer a si próprio e aos outros como alguém.

Assim, o convite é para que se enxergue a realidade filial que possuímos por pertencermos a Deus. Somos a sua imagem e semelhança, isto já nos permite perceber que a mentalidade utilitarista⁹, segundo João Paulo II, obscurece a luminosidade divina que se encontra sobre o homem. Esta mentalidade utilitarista enxerga o outro como objeto, isto é, trampolim para satisfação pessoal. O outro, então, é visto como utilidade, objeto, descartável, adverso ao comprometimento que nos caracteriza como imagem e semelhança de Deus. Assim, "amor" no utilitarismo é igual ao egoísmo. "O utilitarismo parece ser uma programação do egoísmo coerente sem nenhuma possibilidade de transição para um autêntico altruísmo" (WOJTYLA, 1982, p. 36).

Nesse sentido, o homem como uma realidade física e espiritual é propositalmente cunhado como pessoa e não indivíduo de uma espécie. Somos seres espirituais, numa realidade única de vida interior traçada na alma. Tal vida interior deve ser traduzida como vida espiritual.

Dotada de alma "espiritual e imortal", a pessoa humana é "a única criatura na terra que Deus quis por si mesma". Desde sua concepção, é destinada à bem-aventu-

⁹ "Ora, ser feliz conforme os postulados do utilitarismo significa levar uma vida agradável [...] Para um utilitarista é só o prazer como tal que conta [...] O erro essencial está em admitir só o prazer como o único ou supremo bem, ao qual devem subordinar-se todos os outros bens da atividade do homem e da sociedade humana". (WOJTYLA, 1982, p. 34).

rança eterna. A pessoa humana participa da luz e da força do Espírito divino. Pela razão, é capaz de compreender a ordem das coisas estabelecida pelo Criador. Por sua vontade, ela é capaz de ir, por si, ao encontro de seu verdadeiro bem. Encontra sua perfeição na “busca e no amor da verdade e do bem”. Em virtude de sua alma e de seus poderes espirituais de inteligência e vontade, o homem é dotado de liberdade, “sinal eminente da imagem de Deus”. (CEC, 2000, n. 1703-1705).

Dessa maneira, a coisificação do homem é reflexo sombrio da palavra ‘usar’. Afinal, o ato de usar é destinado sempre a algo, nunca a alguém. Trata-se de dizer, todavia, que o ser humano, provido de intelecto e vontade, deve agir não sob instintos, mas no reconhecimento consciente da finalidade do ato sexual de modo a reconhecer o outro como pessoa. Por isso, “a esta consciência está vinculada todo o problema moral do usar como oposto ao amar” (WOJTYLA, 1982, p. 32).

Destarte, o amor anula o termo ‘usar’ apresentado como pureza de significado. É sabido que tal tentativa se esvai quando a força do amor se apresenta com seu verdadeiro significado; torna-se evidente o axioma de que “uma pessoa (do sexo oposto) não pode ser para a outra somente o meio para o fim: o prazer ou simplesmente a deleitação sexual” (Ibidem, p. 32). Neste contexto percebemos e reforçamos a ideia de que o homem e a mulher como seres sexuados, expressam a beleza de ver, sentir e viver ‘para o outro’ e ‘com o outro’.

A beleza está em dizer que o amor responsável, *ágape*, deve reger e elevar, em mais alto grau, a vivência da pessoa em torno da dinâmica do amor *eros*. Por isso é fundamental construir o deleite sexual sob uma rocha e esta rocha vai traduzir fundamentos significativos e razoáveis a fim de mostrar o verdadeiro significado do unir-se em amor. Esta rocha é o amor, que exclui o “usar”.

Assim, ver o outro como um objeto obscurece toda a criação divina e anula o objetivo fundamental do amor e sua máxima: o amor de reciprocidade. Para João Paulo II, tal reciprocidade revigora a relação, traz consigo a saudável preocupação com o outro e destrói o egoísmo. O papa alerta para a importância do amor recíproco, isto é, o “nós” deve ser rocha fundante da vida humana por meio da qual se destrói a imagem do egocentrismo. “A reciprocidade verdadeira não pode nascer de dois egoísmos. Deles só pode surgir uma ilusão de reciprocidade, ilusão momentânea ou no máximo de pouca duração” (WOJTYLA, 1982, p. 79).

Concluimos, portanto, que a beleza do amor em Deus nos leva a reconhecer que o homem é chamado à vocação do amor e que tal amor deve refletir

reciprocidade, amizade e compaixão (simpatia¹⁰). Assumindo isto, necessariamente assumimos a responsabilidade pelo outro. Então, “o verdadeiro amor, o amor intrinsecamente pleno, é aquele em que escolhemos a pessoa por ela mesma, não só como o parceiro da vida sexual, mas a pessoa à qual se deseja entregar a vida” (WOJTYLA, 1982, p. 116). O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal.

2.3 A união matrimonial e o amor responsável: unidade e indissolubilidade

Vimos a realidade do amor, como recíproco, amigo e benévolo, e concluimos que com este conjunto de fatores inegavelmente positivos para uma relação saudável, chegar-se-á à responsabilidade, que é vista como cuidado e zelo pelo outro. A questão, portanto, é refletir exaustivamente e tornar favorável a importância do outro a partir da extrema preocupação de não sermos um empecilho, mas sim suporte necessário para que o outro alcance a felicidade eterna. Essa responsabilidade só pode ser compreendida se “[...] possui a plena consciência do valor da pessoa” (Ibidem, p. 114) à luz da Palavra de Deus.

A união matrimonial justifica toda a dinâmica do amor e anula completamente a coisificação; por isso a união matrimonial nos faz confirmar o verdadeiro significado do que é amar. Afinal, ele envolve a dimensão física (os corpos que se unem), a psicológica e espiritual, as quais todas unidas nos levam a contemplar que já não são duas carnes, mas uma só¹¹. “O homem não pode viver sem amor” (JOÃO PAULO II, 2010, n. 10). E São João Paulo ainda acrescenta: “Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente” (RH, n. 10).

¹⁰ “A palavra ‘simpatia’ é de origem grega; compõe-se do prefixo *syn* (com, junto com) e da raiz *pathein* (sentir, sofrer). Portanto, literalmente, simpatia significa “sentir junto com (alguém)” (Ibidem, p. 79-80).

¹¹ “O homem e a mulher são feitos ‘um para o outro’: não que Deus os tivesse feito apenas ‘pela metade’ e ‘incompletos’; criou-os para uma comunhão de pessoas, na qual cada um dos dois pode ser ‘ajuda’ para o outro, por serem ao mesmo tempo iguais enquanto pessoas (‘osso de meus ossos...’) e complementares enquanto masculino e feminino. No matrimônio, Deus os une de maneira que, formando ‘uma só carne’ (Gn 2,24), possam transmitir a vida humana [...]” (CEC, 2000, n. 372).

Tal unidade física, psicológica e especialmente espiritual deve ser vivida neste vínculo de responsabilidade, ou seja, o matrimônio é o lugar adequado para se viver a unidade e a indissolubilidade¹², pois o casal é chamado a ser “uma só carne”¹³ e a viver na fidelidade de filhos de Deus. Essa unidade deve ressoar na vida do casal com voz de fidelidade, do amor mútuo e indiviso; e a indissolubilidade caracteriza o amor eterno onde a aplicação da fórmula ‘até que a morte os separe’ deve entrar em cena e mostrar o valor do perpétuo, isto é, do ‘para sempre’.

Por consequência, toda esta estrutura está alicerçada não por palavras desmedidas ou sem critérios, mas sim à luz da Sagrada Escritura, e, especificamente, no evangelho de Mateus. Ou seja, a dureza do coração não pode ditar as regras sob os critérios fundantes da palavra de Jesus, mas tal palavra deve ser acolhida e retida por todos como verdade fidelíssima (cf. Mt 19,4-5).

Jesus, portanto, nos impulsiona com um olhar para frente, como podemos bem ver em algumas passagens bíblicas cujas expressões são: “lançai” (Lc 5,4), “ide” (Mt 28,19), “fazei” (Mt 28,19), “olhai” (Mt 6,26), “observai” (Mt 6,28) e “vede” (Jo 4,35); contudo, chama-nos a olhar para o passado, isto é, para um fundamento alicerçado na criação do Pai quando se usa a expressão “no princípio” reiterando a beleza natural da união entre o homem e a mulher. Ora, o Senhor mostra um fundamento natural ao convidar-nos a perceber, em resposta aos fariseus, a passagem de Mateus 19,4 já citada acima, a saber: “[...] desde o princípio o Criador os fez homem e mulher[...]”. Tais fariseus, comuns ainda hoje, questionam-nos sobre a família e o sacramento do matrimônio desejando mudanças e inovações efêmeras. Nosso Senhor ainda insiste em dizer de forma conclusiva que: “[...] o que Deus uniu, o homem não deve separar” (Mt 19,6).

É provável que esta insistência sem equívoco na indissolubilidade do vínculo matrimonial deixasse as pessoas perplexas e aparecesse como uma exigência irrealizável. Todavia, isso não quer dizer que Jesus tenha imposto um fardo impossível de carregar e pesado demais para os ombros dos esposos, mais pesado que a Lei de Moisés. Como Jesus veio para restabelecer a ordem inicial da criação pertur-

¹² A unidade e a indissolubilidade são propriedades fundamentais do matrimônio. Foi definido assim a partir do Concílio de Trento - 1545; Seção XXIV.

¹³ Isto se confirma nas passagens de Gn 2, 24 e Mt 19, 6. ‘Uma só carne’ significa dizer que há entre o homem e a mulher uma união corporal (sexo), união psicológica (afetiva) e união espiritual (alma).

bada pelo pecado, ele mesmo dá a força e a graça para viver o casamento na nova dimensão do Reino de Deus. É seguindo a Cristo, renunciando a si mesmos e tomando cada um a sua cruz que os esposos poderão “compreender” o sentido original do casamento e vivê-lo com a ajuda de Cristo. Esta graça do Matrimônio cristão é um fruto da Cruz de Cristo, fonte de toda vida cristã (CEC, 2000, n. 1615).

É a certeza da Palavra de Deus que garante a extrema necessidade do vínculo matrimonial. Aqui se estabelece a graça sacramental, sem ferir a humanidade natural dos esposos¹⁴, pelo contrário, a graça os eleva, aperfeiçoa e santifica a união. Diante de tal graça¹⁵ é que os esposos são santificados, conservados na fidelidade e firmes na vivência da indissolubilidade.

Por força do matrimônio, só a morte pode separá-los. Implica, pois, aceitar que matrimônio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de tensões e repousos, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro.

A opção pelo matrimônio expressa a decisão real e efetiva de transformar dois caminhos num só, aconteça o que acontecer e contra todo e qualquer desafio, sem reservas nem restrições.

Casar-se é uma maneira de exprimir que realmente se abandonou o ninho materno, para tecer outros laços fortes e assumir uma nova responsabilidade perante outra pessoa. O matrimônio é proteção e instrumento para o compromisso mútuo, para o amadurecimento, para que a opção pelo outro cresça em solidez, concretização e profundidade, e possa, por sua vez, superar qualquer moda passageira e persistir. A sua essência implica uma série de obrigações, mas que brotam do próprio amor, um amor tão decidido e generoso que é capaz de arriscar o futuro (AL, p. 131).

Emerge, todavia, o imperioso saber: é necessário que a união matrimonial seja gerada pelo amor responsável dos cônjuges em vista de alcançar a

¹⁴ “O consentimento matrimonial é o ato de vontade pelo qual um homem e uma mulher, por aliança irrevogável, se entregam e se recebem mutuamente para constituir o matrimônio” (CIC, Cân. 1057 §2). E ainda: “O consentimento consiste num ‘ato humano pelo qual os cônjuges se doam e se recebem mutuamente’: ‘Eu te recebo por minha mulher’ – ‘Eu te recebo por meu marido’. Este consentimento que liga os esposos entre si encontra seu cumprimento no fato de ‘os dois se tornarem uma só carne’” (CEC, 2000, n. 1627).

¹⁵ “O Matrimônio entre batizados é um verdadeiro sacramento da nova aliança, pois significa e comunica a graça” (CEC, 2000, n. 1617).

pureza¹⁶ no viver. O amor recíproco, amigo e generoso na vida marital, segundo o plano de Deus, busca a satisfação completa da família onde o bem de todos é um bem para cada um. Isso quer dizer: voltar para o outro em si mesmo e não se voltar para o outro em função de si mesmo, revelando uma integração correta de doação e respeito ao outro, a fim de viver sublime e eficazmente a vida marital.

Enfim, é necessário assumir também que a união matrimonial nos remete a crer e a viver, com intensidade, a unidade e indissolubilidade fomentadas na vida do casal sob a perspectiva da busca de santidade. E ser santo no matrimônio quer dizer comprometer-se, a fim de que o casamento seja fecundo e fidelíssimo.

3 A Igreja e a aliança matrimonial

Em profunda sintonia com o matrimônio, a Igreja ajuda os cônjuges a entender e assumir seu papel dentro da sociedade, e muito especificamente, mostra as enormes riquezas espirituais experimentadas ao assumir seriamente o vínculo. As riquezas são inúmeras, mas nos atemos a duas, a saber: fecundidade e responsabilidade dos pais na educação da prole. “O instituto do matrimônio e o amor dos esposos estão pela sua índole natural ordenados à procriação e a educação dos filhos em que culminam como numa coroa” (GS, n. 48).

Lugar da gratuidade e da graça de Deus, o matrimônio é o fundamento da família; esta constitui-se num dos bens mais preciosos da humanidade. Na família está a chance para a humanidade crescer de maneira estável, encontrando nela uma comunidade de vida e de amor. A família é o lugar onde crescemos como comunidade de pessoas, constituindo-se num santuário da vida; ela é a célula principal da sociedade; ela é Igreja Doméstica. A família, assim, tem por missão ‘guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja. (FC, n. 30).

¹⁶ “Mas esta disciplina própria da pureza dos esposos, muito longe de prejudicar o amor conjugal, confere-lhe pelo contrário, mais alto valor humano. Isto exige um esforço contínuo, mas, graças ao seu benéfico influxo, os cônjuges desenvolvem integralmente a sua personalidade, enriquecendo-se de valores espirituais: aquela traz à vida familiar frutos de serenidade e de paz e facilita a solução de outros problemas; favorece a atenção para com o consorte, ajuda os esposos a superar o egoísmo, inimigo do amor, e aprofunda o sentido da responsabilidade deles no cumprimento dos seus deveres” (JOÃO PAULO II, 2007, n. 33).

Em ressonância com aquelas duas realidades, ricas em pertinência espiritual, a Igreja nos move a crer que para alcançar tal caminho devemos encarar o matrimônio em profundidade doxológica, isto é, deve-se viver com seu cônjuge e com os filhos por Cristo, com Cristo e em Cristo, gerando assim uma comunidade viva de amor e fé no seio familiar. Neste sentido, “como ‘igreja doméstica’, ela é a *esposa de Cristo*” (GrS, n. 19). Chega-se aqui ao ápice da família como “Igreja Doméstica”.

3.1 Matrimônio como abertura à fecundidade

A relação entre um homem e uma mulher é uma relação de amor, mais precisamente o amor como doação e acolhimento, como dar e receber. Quando tal amor se realiza no matrimônio, o dom de si exprime, por intermédio do corpo, sua complementaridade e totalidade. O amor conjugal torna-se, então, força que enriquece e faz crescer as pessoas e, ao mesmo tempo, contribui para alimentar a civilização do amor.

Ao chegar, portanto, à vida matrimonial os cônjuges se tornam uma só carne e são chamados a uma realidade bela e gratuita, isto é, ao verdadeiro dom de Deus, que é a abertura à fecundidade¹⁷, o fim principal para que ele foi estabelecido desde a origem. Tal projeto divino quisto para os esposos é bem relatado no livro do Gn 1, 28: “crescei e multiplicai-vos”. Eis, pois, a família, isto é, a sociedade doméstica, muito pequena certamente, mas real e anterior a toda a sociedade civil” (RN. n. 6).

Sabendo que o matrimônio é uma vocação e a fecundidade é dom de Deus, entendemos que toda a origem deste vínculo entre os cônjuges só pode ser divina. O casamento não é um vínculo meramente social. O matrimônio não tem origem por intervenção humana, pois a origem é Deus, e deste modo, não se pode mudar pelas mediações humanas o que Deus preparou para cada homem. Isto é, “[...] visto que o próprio Deus instituiu o matrimônio, e visto que este foi desde o princípio como que uma imagem da Encarnação do Verbo divino, segue-se daqui que há no matrimônio alguma coisa de sagrado e de

¹⁷ “A fecundidade é um dom, um *fim do Matrimônio*, porque o amor conjugal tende naturalmente a ser fecundo. O filho não vem de fora acrescentar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio âmago dessa doação mútua, da qual é fruto e realização. A Igreja, que ‘está do lado da vida’, ensina que ‘qualquer ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida’. Esta doutrina, muitas vezes exposta pelo Magistério, está fundada na conexão inseparável, que Deus quis e que o homem não pode alterar por sua iniciativa, entre os dois significados do ato conjugal: o significado unitivo e o significado procriador” (CEC, 2000, n. 2366).

religioso [...]” (LEÃO XIII, 1946, p. 13). Neste contexto, é necessário saber que o matrimônio não é apenas uma união meramente social. Ora, “[...] o próprio Deus é o autor do matrimônio [...]” (GS, n. 48).

É importante, pois, entender que o casal que se une matrimonialmente é chamado a colaborar com a obra da criação; é chamado a cumprir com os desígnios de Deus. Assim sendo, os esposos confirmam sua vocação dando abertura à fecundidade gerando seus filhos como sinal de gratidão a Deus por tão grandioso dom. No centro da consciência cristã dos pais e dos filhos coloca-se esta grande verdade e este fato fundamental: *o dom de Deus*. Trata-se do dom que Deus fez chamando-nos à vida e a existir como homem ou mulher numa existência irrepetível e carregada de inexauríveis possibilidades de desenvolvimento espiritual e moral.

Deste modo, mostra-se eficaz promover dentro do matrimônio e, por consequência na família, a noção única e concreta em colaborar com a obra criacional de Deus. É, sem dúvida, a presença de Deus, na vida conjugal e na consumação¹⁸ do matrimônio, que sustenta e concede um valor espiritual precioso diante da geração dos filhos. “Neste sentido, a tarefa fundamental do matrimônio e da família é estar a serviço da vida” (CEC, 2000, n. 1653).

Segundo afirma João Paulo II, na *Carta às Famílias*, “quando da união conjugal dos dois nasce um novo homem, este traz consigo ao mundo uma particular imagem e semelhança do próprio Deus: *na biologia da geração está inscrita a genealogia da pessoa*. Ao afirmarmos que os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção e geração de um novo ser humano, não nos referimos apenas às leis da biologia; pretendemos sobretudo sublinhar que, *na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente* de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração ‘sobre a terra’. Efetivamente, só de Deus pode provir aquela ‘imagem e semelhança’ que é própria do ser humano, tal como aconteceu na criação. A geração é a continuação da criação” (EV, n. 43).

Diante destes contextos matrimoniais e da fecundidade do casal, os cônjuges não podem ser egoístas e se fechar ao amor fecundo¹⁹. Quando há

¹⁸ “O matrimônio válido entre os batizados chama-se consumado, se os cônjuges realizaram entre si, de modo humano, o ato conjugal apto por si para a geração de prole, ao qual por sua própria natureza se ordena o matrimônio, e pelo qual os cônjuges se tornam uma só carne” (CIC, 2001, Cân. 1061 §1).

¹⁹ “É, finalmente, *amor fecundo* aquele que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas” (PAULO VI, 2010, n. 9).

projeto de vida partilhado, relações atentas à totalidade da pessoa e sentido de pertença recíproca, há durabilidade.

Ao abrir-se à fecundidade, os pais experienciam um verdadeiro esvaziamento de si ao doarem-se como instrumentos nas mãos de Deus a fim de concretizarem em suas vidas o projeto divino que é a abertura à vinda dos filhos. Vale ressaltar que tal esvaziamento dos pais nos remonta, mesmo que de forma mínima, ao Salvador que se esvaziou (Fl 2,7-8) de Si e, em profundo sacrifício, entregou-Se a fim de nos gerar vida nova. É pela entrega dos pais e fidelidade ao pacto conjugal que nascem os dons de Deus, os filhos.

Por consequência, é na doação bendita dos cônjuges e em consonância ao sacrifício cristão que marido e mulher chegam a partícipes na obra da criação e, ainda, partícipes no sacrifício de Cristo.

Deus mesmo que disse: “não convém ao homem ficar sozinho” (Gn 2, 18), e “criou de início o homem como varão e a mulher” (Mt 19, 4), querendo conferir ao homem uma participação especial em sua obra criadora, abençoou o varão e a mulher dizendo: “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1, 28). Donde se segue que o cultivo do verdadeiro amor conjugal e toda a estrutura da vida familiar que daí promana sem desprezar os outros fins do matrimônio, tendem a dispor os cônjuges a cooperar corajosamente com o amor do Criador e do Salvador que por intermédio dos esposos aumenta e enriquece Sua família. (GS, n. 50).

Em um belíssimo contexto cristológico vemos o Salvador doando sua vida por nós por amor e profunda entrega. Tal verdadeiro sacrifício se consuma na cruz onde fica claro, à luz do mistério pascal, a realidade salvífica: paixão, morte e ressurreição. Ao vislumbrar tal sentido cristológico, caminhamos, por consequência, para a dimensão eclesiológica, Cristo e a Igreja. Assim, percebemos a aliança de Cristo com sua Igreja. De acordo com esse dinamismo cristológico e eclesiológico chega-se à conclusão de que os cristãos são chamados a permanentemente perceber que “toda a vida cristã traz a marca do amor sponsal de Cristo e da Igreja” (CEC, 2000, n. 1617).

A fecundidade traz verdadeiras preciosidades que são os filhos e a constituição de uma família. A abertura à prole, que nasce do amor conjugal, manifestada com afeto e gestos que preenchem a sua vida e os fazem crescer no amor, revela a doação e a continuação da criação e, assim, nasce uma nova missão. Esta nova missão preciosa é a educação dos filhos e a nutrição familiar em Deus, isto é, a promoção da paternidade responsável e a beleza da igreja doméstica.

3.2 Família: Igreja doméstica

Entender a importância da abertura do matrimônio à fecundidade também é tentar compreender a nova missão a que os cristãos são chamados após a geração de seus filhos. É necessário e correto compreender que a família que se abriu para todo este contexto cristão, que é o matrimônio fecundo, deve chegar à conclusão que precisa ser para seu próprio casamento e para sua prole uma verdadeira igreja doméstica. Essa família é chamada a ser igreja também em seu lar, isto é, pequena igreja.

O casal, dentro do matrimônio, além do chamado à total e íntegra doação de si, ou seja, um amor fidelíssimo e exclusivo, é chamado a enfrentar os desafios que surgem, para a melhor formação e educação dos filhos. Na beleza da constituição familiar segundo as bases cristãs, o homem e a mulher são chamados, em íntima união, a formar e educar sua família sob o auxílio da graça de Deus. Então, “[...] marchando à frente os próprios pais com o exemplo e a oração familiar, os filhos e mesmo todos os que convivem no círculo da família encontrarão mais facilmente o caminho de humanidade, de salvação e de santidade” (GS, n. 48).

Cristo elevou em grau máximo a vida familiar, já que ele mesmo nasceu em um seio exemplar, a Sagrada Família. Diz o Catecismo da Igreja Católica: “Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja não é outra coisa senão a ‘família de Deus’” (CEC, 2000, n. 1655). Então, a família deve ser reflexo profundo da Trindade onde temos um Deus que é Pai e que nos chama a colaborar com Ele exercendo a paternidade; que é Filho, onde somos chamados a ser filhos e ter filhos e, ainda, configurarmos a relação conjugal Nele, isto é, como Ele fora fiel à sua esposa, a Igreja, assim devem ser os cônjuges. Dessa maneira há um chamado de Deus para que os cônjuges estabeleçam uma profunda e feliz comunhão de amor²⁰ formando uma comunidade de fé²¹ no seio familiar.

Cientes da íntegra comunhão dos cônjuges, chegamos ao ápice da profunda doação marital que não só é ‘o viver unidos’, mas constituir uma

²⁰ “O matrimônio, o matrimônio sacramento, é uma aliança de pessoas no amor. E o amor pode ser aprofundado e guardado apenas pelo Amor, aquele Amor que é ‘derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi concedido’ (Rom 5, 5)” (GrS, n. 7).

²¹ “Comunidade de fé, fazendo da casa o templo da Igreja doméstica para, na simplicidade, ao redor da mesa, elevar a prece comunitária ao Senhor, agradecendo, louvando e pedindo perdão, entregando-se a ele” (MORETTO, 1987, p. 29).

família, onde se deve despertar também nos filhos o desejo da escuta e obediência. Há, portanto, um chamado à paternidade e à maternidade²². Por isso, sabiamente nos diz João Paulo II:

Ao afirmarmos que os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção e geração de um novo ser humano, não nos referimos apenas às leis da biologia; pretendemos sobretudo sublinhar que, *na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente* de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração “sobre a terra”. Efetivamente, só de Deus pode provir aquela “imagem e semelhança” que é própria do ser humano, tal como aconteceu na criação. A geração é a continuação da criação. (GrS, n. 9).

E ainda:

De modo particular, paternidade e maternidade responsável referem-se diretamente ao momento em que o homem e a mulher, unindo-se “numa só carne”, podem tornar-se pais. É momento impregnado de um valor peculiar, quer pela sua relação interpessoal quer pelo seu serviço à vida: eles podem-se tornar genitores – pai e mãe –, comunicando a vida a um novo ser humano. (GrS, n. 12).

É exatamente colaborando com Deus Criador, que os esposos formam uma família e ao gerar seus filhos devem comunicar-lhes os ensinamentos divinos, conforme prometeram através do consentimento, ao unirem-se em matrimônio. Por isso, deve ser evidente para nós entender a família como igreja doméstica²³ já que o casal, recompensado pelas bênçãos celestes, também promete criar os filhos cristãmente na fé e no amor. Os pais, como verdadeiros orientadores para formação humana e espiritual, são os primeiros catequistas; eles devem agir com diligência na formação espiritual de seus filhos, a fim de imprimir em suas vidas a virtude cristã e as riquezas mais profundas da presença do Cristo.

Ao gerar os filhos, os pais devem preparar os caminhos deles a fim de que encontrem com o Senhor Jesus, conforme fizera João Batista, precursor de Cristo.

²² “Paternidade e maternidade representam em si mesmas uma particular confirmação do amor, cuja extensão e profundidade original permitem descobrir. Isso, porém, não acontece automaticamente. É, antes, um dever confiado a ambos: ao marido e à esposa. Nas suas vidas, a paternidade e a maternidade constituem uma “novidade” e uma riqueza tão sublime que apenas ‘de joelhos’ é possível abeirar-se delas” (GrS, n. 7).

²³ “O lar cristão é o lugar em que os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. Por isso, o lar é chamado, com toda razão, de ‘Igreja doméstica’, comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e da caridade cristã” (CEC, 2000, n. 1666).

Nesta dinâmica, percebemos que a paternidade está intimamente ligada também à figura de João, isto é, os pais devem preparar o caminho e levar os filhos a fazer uma experiência do Evangelho, na certeza de que haverá um encontro pessoal com o Messias. Por esse motivo, “[...] munidos com a dignidade e o múnus da paternidade e maternidade, cumprirão diligentemente o ofício da educação, sobretudo religiosa, que em primeiro lugar compete a eles” (GS, n. 48). Por isso, “a ação catequética da família tem um caráter particular e, em certo sentido, insubstituível [...]” (JOÃO PAULO II, 2001, n. 68).

A atual civilização é geradora de imprevistos e alheia à realidade cristã, ela propõe derrotar a família antepondo-se à igreja doméstica. Tal civilização coisificada reflete sobre o matrimônio e, por consequência, sobre a família, como um vínculo de escolhas até o momento que apraz. Diz São João Paulo II:

O *utilitarismo* é uma civilização da produção e do desfrutamento, uma civilização das “coisas” e não das “pessoas”; uma civilização onde as pessoas se usam como se usam as coisas. No contexto da civilização do desfrutamento, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos um obstáculo para os pais, a família uma instituição embaraçante para a liberdade dos membros que a compõem. Para convencer-se disto, basta examinar *certos programas de educação sexual* introduzidos nas escolas, não obstante o frequente parecer contrário e até os protestos de muitos pais; ou então, as *tendências pró-abortistas* que em vão procuram esconder-se atrás do chamado “direito de escolha” (*pro choice*) por parte de ambos os cônjuges, e particularmente por parte da mulher. São apenas dois exemplos dos muitos que se poderiam recordar (GrS, n. 13).

Ante o exposto sobre a civilização da coisificação, propomos uma maneira para a plena e salutar vivência familiar, como também a destituição da realidade utilitária, a saber: a presença constante dos pais na educação de seus filhos. “Esta educação acontece na família. É lá que a criança recebe a educação mais perfeita e duradoura” (MORETTO, 1987, p. 28). Tal presença salutar dos esposos na vida dos seus é produtora da civilização do amor onde a incredulidade avassaladora e utilitária se transforma na civilização da igreja doméstica (*ecclesia domestica*), ou seja, “[...] a família tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor [...]” (FC, n. 17).

A família, lugar primeiro das relações interpessoais, berço de vida e amor, é o lugar apropriado no qual o homem nasce e cresce, recebe as primeiras noções da verdade e do bem, onde aprende o que quer dizer amar e ser amado

e, por conseguinte, o que quer dizer ser pessoa. É a comunidade natural onde se tem a primeira experiência e a primeira aprendizagem da sociabilidade humana, pois nela não só se descobre a relação pessoal entre o “eu” e o “você”, mas também se dá um passo ao “nós”.

É a família o âmbito mais apropriado para o ensinamento e para a transmissão dos valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, que são essenciais para o desenvolvimento e bem-estar tanto dos seus próprios membros como da sociedade. De fato, é a primeira escola das virtudes sociais, porque desenvolve valores fundamentais imprescindíveis para formar cidadãos livres, honestos e responsáveis.

Da mesma forma, a família cria relações comunitárias e fraternas, frente às atuais tendências individualistas. De fato, reafirmamos, o amor – que é a alma da família em todas as suas dimensões – só é possível se houver entrega sincera de si mesmo aos outros. Do amor nascem relações gratuitas e desinteressadas, solidariedade profunda, em um clima de respeito, justiça e verdadeiro diálogo. Os filhos vão incorporando assim critérios e atitudes que os ajudarão mais adiante a viver dignamente no seio da sociedade.

A Igreja, portanto, proclama às famílias o quão precioso é educar os filhos na fé e na sabedoria, isto é, “abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade” (Pr 31,26), a fim de que anunciem a boa-nova dentro do seio familiar e acompanhem sua prole em profunda sintonia com a Igreja, mostrando desde cedo aos seus o que é ser igreja doméstica. Os cônjuges, como comunidade viva de amor, devem doar seu tempo, com intensidade, em busca de uma “educação humana e espiritual”²⁴ para seus filhos. Por esta razão, “deles principalmente vem a educação transmitida com as atitudes, com sorriso, palavras doces ou duras, mas sempre impregnadas de amor” (MORETTO, 1987, p. 28).

João Paulo II evidencia na exortação apostólica *Catechesi Tradendae* que a educação familiar baseada no evangelho gera vida e que a fé será o grande sustentáculo durante toda a sua vida.

Esta educação para a fé feita pelos pais – que deve começar desde a mais tenra idade das crianças – já se realiza quando os membros de uma determinada

²⁴ “A *família cristã*, enquanto ‘Igreja doméstica’, constitui uma escola nativa e fundamental para a formação da fé: o pai e a mãe recebem do sacramento do Matrimônio a graça e o ministério da educação cristã relativamente aos filhos, aos quais testemunham e transmitem, simultaneamente, valores humanos e valores religiosos” (JOÃO PAULO II, 1989, n. 62).

família se ajudam uns aos outros a crescer na fé, graças ao próprio testemunho de vida cristã, muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar-se de uma vida de todos os dias vivida segundo o Evangelho. (CT, n. 68).

O catecismo da Igreja católica ainda afirma algumas preciosas pérolas para que o caminho dos pais reflita o reluzente rosto de Cristo para seus filhos e apague completamente a falsa ilusão atual de que a família é uma instituição falida. Assim, o catecismo diz que os pais devem exercer “[...] o *sacerdócio batismal* [...]” (CEC, 2000, n. 1657), evidenciado: “[...] na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade ativa” (CEC, 2000, n. 1657). Tal testemunho de vida cristã dos pais para os filhos remonta ao lar eclesial onde se promove perdão, oração, comunhão, caridade e compaixão.

É necessário, no entanto, que os pais sejam igreja uma vez que, por assim serem, são chamados a agir como tal dentro de seu lar. Não basta só pertencer à Igreja, mas ser Igreja, já que todos somos comunidade viva de fé. Essa bela realidade, com profundo teor místico e teológico, clama por uma paternidade responsável a fim de que o testemunho de vivência cristã seja revelado aos seus filhos. Nesta perspectiva, a família é a primeira a colaborar com Deus oferecendo o primeiro anúncio, isto é, um verdadeiro *kerigma*.

Na realidade, o amor transmitido pelos pais aos filhos, é reflexo da Trindade, unificando o sentido espiritual familiar e a sua missão fora de si mesma, tornando possível o ‘querigma’ com todas as exigências comunitárias. A família, vivendo sua própria espiritualidade, é ao mesmo tempo a Igreja Doméstica e célula viva transformadora da sociedade. (AL, n. 324).

3.3 Ação pastoral: auxílio para a unidade matrimonial

A Igreja, por ser mãe, se coloca como partícipe da vida matrimonial e propõe auxílios para que se viva um matrimônio fecundo a fim de que sejam alcançadas as experiências ricas do evangelho, que santifica e une o seio familiar e culmina na igreja doméstica. Tais auxílios dados pela Santa Igreja são vistos no impulso da ação pastoral²⁵ familiar onde a *ecclesiae domestica* é chamada a viver

²⁵ “A ação pastoral da Igreja deve ser progressiva, também no sentido que deve seguir a família, acompanhando-a passo a passo nas diversas etapas da sua formação e desenvolvimento” (FC, n. 65).

a verdadeira identidade cristã e a intensificar-se no mistério de amor e sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por esta razão,

[...] a Igreja revela à família cristã a sua verdadeira identidade, o que ela é e deve ser segundo o desígnio do Senhor; com a celebração dos sacramentos, a Igreja enriquece e corrobora a família cristã com a graça de Cristo em ordem à sua santificação para a glória do Pai; com a renovada proclamação do mandamento novo da caridade, a Igreja anima e guia a família cristã a serviço do amor, a fim de que imite e reviva o mesmo amor de doação e sacrifício que o Senhor Jesus nutre pela humanidade inteira. (FC, n. 49).

Por consequência, a ação pastoral quer levar o sacramento do matrimônio e todo o seio familiar a manter-se em profundidade espiritual comunicando a beleza do exercício diaconal seja por parte dos cônjuges ou por parte dos filhos. Esta diaconia quer motivar a idealização de serviço onde a família é chamada, como pertencente ao corpo místico de Cristo, a mergulhar em águas mais profundas, isto é, viver em íntima união com Cristo servidor como profundo apostolado real. Ou seja, ao adentrar nas águas profundas notaremos a família como sinal visível da evangelização, da comunhão orante e serviçal.

Na intensa e necessária iniciativa da Igreja, a ação pastoral provoca a família a experienciar um encontro com Cristo a partir do qual o casal e seus filhos se entregam a um espírito de serviço a fim de que em seu próprio lar promovam a comunhão e se tornem testemunhas vivas para outros casais. Diante deste pequeno, mas difícil processo cristão de serviço, comunhão e testemunho é que a pastoral familiar deve revelar a verdadeira proposta de adesão a Cristo na qual tudo culmina na celebração, na ação de graças e no louvor.

Ao assumir tal vínculo matrimonial a pastoral familiar, como auxílio de unidade para os esposos, constrói juntamente com esses o valor de alicerçarem-se no Senhor a fim de que tal pacto conjugal assumido não ceda aos fenômenos secularistas (vida interpretada exclusivamente no âmbito terreno) e a uma legislação divorcista (torna precário e decadente o verdadeiro sentido da vida conjugal). Assim sendo, a Igreja, como Mãe, quer enxertar neles a Verdade, fazendo com que o Evangelho seja o sustento diário, incitando-os à escuta profunda desta mesma Palavra e a um diálogo com Deus na oração. É nessa presença materna da Igreja na vida conjugal que a pastoral familiar esclarece o valor da unidade e indissolubilidade já assumido pelo casal.

Nosso intuito, todavia, é indicar realisticamente o caminho de vivência comunitária apontando aos cônjuges a importância do florescer dentro da aliança já sacramentada. É sinal de graça construir a relação do matrimônio como família eclesial a fim de que o sustento espiritual seja fortaleza em meios às tempestades da vida do casal.

Portanto, a família é convidada a evangelizar exercendo seu múnus profético, isto é, o Reino de Deus deve ser proclamado a todos os povos, mostrar a missionaridade da família cristã. Além da realidade profética, no matrimônio deve-se viver o múnus sacerdotal já que estamos todos enxertados na Igreja, que é povo sacerdotal pelo batismo. É nesta unidade, da Igreja Mãe com a 'Igreja Doméstica', que se percebe o valor de a família cristã viver o múnus sacerdotal, a fim de que santifique sua própria família e seja comunidade orante que intercede por todo o povo de Deus.

É este o múnus sacerdotal que a família cristã pode e deve exercitar em comunhão íntima com toda a Igreja, por meio das realidades cotidianas da vida conjugal e familiar: em tal sentido a família cristã é chamada a santificar-se e a santificar a comunidade cristã e o mundo. (FC, n. 55).

Exercer o múnus profético, sacerdotal e real, no matrimônio, é reconhecer a profunda união espiritual com Cristo e com a sua Igreja; agradecer pelos dons recebidos e ofertá-los em honra de toda Santa Igreja. Conseqüentemente, é a Igreja em sua ação pastoral que alimenta toda esta mentalidade espiritual e missionária, pois ela sabiamente percebe o quão é difícil viver a realidade conjugal e familiar nos dias de hoje.

Enfim, a Igreja Mãe quer caminhar lado a lado com os cônjuges ajudando-os a compreender e a viver o apostolado cristão dentro do lar. Para que isto aconteça, a Igreja se doa como companheira na caminhada, através de suas ações pastorais, e aponta aos esposos como devem viver o matrimônio na perspectiva cristã, pastoralmente, porque, como reafirma o Papa Francisco,

A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Cada família torna-se para todos os efeitos, um bem para a Igreja. O amor vivido nas famílias é uma força permanente para a vida da Igreja. O fim unitivo do matrimônio é um apelo constante a crescer e aprofundar este amor. (...) A beleza do dom recíproco e gratuito, a alegria pela vida que nasce e a amorosa solicitude de todos os seus membros, desde os pequeninos aos idosos,

são apenas alguns dos frutos que tornam única e insubstituível a resposta à vocação da família, tanto para a Igreja como para a sociedade inteira. (AL, n. 88).

Conclusão

Nosso trabalho buscou abordar, em primeiro plano, o homem iludido e descrente das razões essenciais para ser realmente feliz, isto é, o homem frente a uma sociedade hedonista e utilitarista. Esta sociedade apresentada com inúmeras ofertas excludentes à realidade cristã fora chamada por nós, através das ideias de um sociólogo francês, como hipermoderna, evidenciando assim a exacerbação de valores invasivos através de um simples prefixo *hiper*. Mostramos também que a Igreja, notadamente o Santo Papa João Paulo II, preocupado com os valores relativistas desta mesma sociedade conclamou-a a almejar a verdadeira noção de amor.

Deve ficar claro que, o amor presente na vida humana, diante de seus desafios existenciais, deve estar sob a influência do amor *ágape*; isto é, amor *eros* e *philia* devem ser, verdadeiramente, entendidos e enriquecidos de sentido à luz do amor *ágape*. Portanto, quisemos evidenciar a verdadeira noção de que o homem e a mulher não devem ser vistos como objetos infames na vida relacional, mas complementos um do outro na vida matrimonial. Diante disso, a máxima do amor, que é estar em Deus, nos leva a negação do utilitarismo, que o vê como objeto.

Diante do exposto, nos propusemos despertar no ser humano a beleza em perceber que o "outro" é importante para nós e que ao olhar para ele, consequentemente, percebemos o senso religioso, espiritual. É percebendo nosso próximo, que conseguiremos nos afastar do utilitarismo e descobrir nele a presença reveladora de Deus e do Seu amor. Somos filhos de Deus e necessitamos enxergar a todos com o olhar espiritual e não obscurecido pelo desejo desenfreado e relativista.

Ao depararmo-nos com o amor responsável, quisemos mergulhar nele e revelar as profundezas do amor recíproco, doador e complacente chegando ao vínculo matrimonial. Este vínculo desperta em todos nós a noção da unidade e indissolubilidade entre os cônjuges e revela o quão é importante o casal abrir-se à fecundidade. Os filhos devem ser vistos como dons divinos, portanto, verdadeiros presentes que geram no matrimônio de seus pais uma complementariedade, porque os pais são pilares da evangelização para seus filhos a fim de que obtenham suporte humano e espiritual.

Apresentamos Deus como verdadeiro autor do matrimônio excluindo assim, a tentativa em dizer que o vínculo entre os cônjuges é apenas social ou até mesmo fora de moda quando, pelo contrário, é sacramento. Ora, é vivendo sacramentalmente o matrimônio que os cônjuges conseguirão colaborar com a obra da criação e, conseqüentemente, viver em seu lar uma comunidade de fé e amor estabelecendo a “Igreja Doméstica”. Enfim, o conceito de amor responsável deve provocar no ser humano o desejo consciente de unir-se em matrimônio e buscar com afinco a unidade e a indissolubilidade de sua união e do lar cristão.

Lista de Abreviaturas

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i>
ADS	<i>Arcanum Divinae Sapientiae</i>
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
CIC	Código de Direito Canônico
ChL	<i>Christifideles Laici</i>
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CT	<i>Catechesi Tradendae</i>
DC	<i>Deus Caritas Est</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
EV	<i>Evangelium Vitae</i>
FC	<i>Familiaris Consortio</i>
GrS	<i>Gratissimam Sane</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
HV	<i>Humanae Vitae</i>
Jo	Evangelho segundo João
Lc	Evangelho segundo Lucas
Mc	Evangelho segundo Marcos
MD	<i>Mulieris Dignitatem</i>
Mt	Evangelho segundo Mateus
RH	<i>Redemptor Hominis</i>
RN	<i>Rerum Novarum</i>
SH	<i>Sexualidade humana: verdade e significado</i>
SL	<i>Sertum Laetitiae</i>

Referências

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teología*. Tomo III. Madrid: BAC, 1950.
- ARAUJO, Arpuim Aguiar de. *A relação entre a consciência e a experiência humana na questão antropológica de Karol Wojtyła*. Goiânia: IFTSC, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica "Deus Caritas Est"*: aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor de Deus. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *O fundamento antropológico da família*: discurso em um congresso na diocese de Roma. Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/articles/o-fundamento-antropologico-da-familia-segundo-bento-xvi>. Acesso em: 06 out. 2014.
- BETTENCOURT, Estêvão Tavares. *Curso de Teologia Moral*. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 19--.
- BIBLIA *Sagrada de Jerusalém*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOVER, José Maria; O'CALLAGHAN, José. *Nuevo Testamento Trilingue*. Madrid: B.A.C, 1977.
- CANTALAMESSA, Raniero. *As duas faces do amor: "eros" e "ágape"*. Cidade do Vaticano: ZENIT, 2011. Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/articles/as-duas-faces-do-amor-eros-e-agape>. Acesso em: 03 mai. 2014.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.
- CONCÍLIO VATICANO II. In: VIER, Frederico (Org.). *Compendio Vaticano II*: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Preparação para o sacramento do matrimônio*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. *Sexualidade humana: verdade e significado*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- DANTAS, Marília Antunes. Le temps hypermodernes. In: *Estudos e pesquisas em psicologia*. ano 4, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- EVDOKIMOV, Paul. *O sacramento do amor: o mistério conjugal a luz da Tradição ortodoxa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FRANCISCO. *Consistório extraordinário: saudação de boas-vindas dirigida pelo santo padre Francisco aos participantes no consistório sobre a família*. Roma, 20 fev. 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speche/2014/february/documents/papafrancesco_20140220_concistoro-straordinario.html. Acesso em: 16 jul. 2014.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Amoris Laetitia”*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GANITO, C.; MAURÍCIO, A. F. Entrevista a Gilles Lipovetsky. *Comunicação e cultura*, Portugal, n. 9, p. 155-163, 2010.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica “Mulieris Dignitatem”*: sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. São Paulo: Loyola, 1988.

_____. *Carta às Famílias “Gratissimam Sane”*: ano da família, 1994. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1994/documents/hf_jpii_let_02021994_families_po.html. Acesso em: 14 jul. 2014.

_____. *Carta Encíclica “Evangelium Vitae”*: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Carta Encíclica “Redemptor Hominis”*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Discorso di Giovanni Paolo II ai membri del Tribunale della Rota Romana*. 28 jan. 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/holyfather/john_paul_ii/speeches/1991/january/documents/hf_jp-ii_spe_19910128_roman-rota_it.html. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. *Discurso do santo padre João Paulo II aos prelados auditores, oficiais e advogados do tribunal da rota romana na inauguração do ano judiciário*, n. 4, 28 jan. 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2002/january/documents/hfjp-i_spe_20020128_roman-rota_po.html. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. *Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”*: sobre a catequese em nosso tempo. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Exortação Apostólica “Christifideles Laici”*: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *Exortação Apostólica “Familiaris Consortio”*: sobre a missão da família cristã no mundo de hoje. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *A força original da criação torna-se para o homem força de redenção*. In: *Audiência Geral*. 29 out. 1980. Disponível em: <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/h3k.htm>. Acesso em: 17 mai. 2014.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica “Arcanum Divinae Sapientiae”*: sobre a Constituição Cristã da Família. Petrópolis: Vozes, 1946.

_____. *Carta Encíclica “Rerum Novarum”*: sobre as condições dos operários “Das Coisas Novas”, 15 de maio de 1891. Petrópolis: Vozes, 1952.

LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. *Os tempos hipermodernos*. 3. ed. São Paulo: Barcarolla, 2007b.

MORETTO, Antônio. *Igreja doméstica: encontro da família com Cristo*. São Paulo: Loyola, 1987.

PAREDES, José Cristo Rey García. *O que Deus uniu: teologia da vida matrimonial e familiar*. São Paulo: Paulus, 2008.

PAULO VI. *Carta Encíclica “Humanae Vitae”*: sobre a regulação da natalidade. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1984.

PIO XII. *Carta Encíclica “Sertum Laetitiae”*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_01111939_sertum-laetitiae_po.html. Acesso em: 15 mai. 2014.

PIVA, P. et. al. *Matrimônio e família*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

QUADROS, Elton Moreira. Eros, Filia e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. *Acta Scientiarum - Human and Social Sciences*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 165-171, 2011.

SCHEID, Eusébio Oscar. A ética e a comunicação na propagação da verdade. In: *Ética na comunicação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

TANQUEREY. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. 6. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1961.

TORRES, Fernando. Em busca da Terra do Nunca. *Revista Mídia Saúde*, Maringá, ano 9, n. 104, out. 2010. Disponível em: <http://www.midiaesaude.bs2.com.br/?action=mais&materia=243>. Acesso em: 10 mar. 2010.

WOJTYLA, Karol. *Amor e responsabilidade: estudo ético*. São Paulo: Loyola, 1982.

Artigo recebido em 05/03/2018 e aprovado para publicação em 20/03/2018

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i35-2019-1>

Como citar:

REIS, Jair Luis; ELIAS, Miguel. Matrimônio: “Amor e responsabilidade” frente aos desafios atuais da sociedade cristã. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 13-44, jan./jun. 2019. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br.